

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



Casas de religiões de matrizes afro-brasileiras na microrregião de Cataguases: percursos, tradições e reinvenções

Inácio Manoel Neves Frade da Cruz¹

Este texto tem como objetivo apresentar uma breve amostra dos dados obtidos com o trabalho de mapeamento do campo religioso nos municípios pertencentes à Microrregião de Cataguases.² Os estudos a respeito das crenças de matrizes afro-brasileiras nas localidades visitadas, convidam a perscrutar a sensação de invisibilidade recorrente a uma parte considerável das células religiosas pesquisadas. A iniciativa de mapear vê-se atravessada pelo dilema de mostrar/revelar eventos e espaços sagrados ocupados pelas lideranças religiosas, uma vez que o conhecimento da localização pode facilitar o planejamento de ataques discriminatórios. Por outro lado, é dada aos praticantes de religiões como a umbanda e o candomblé, por exemplo, a possibilidade de se enxergar na história, ou melhor de conhecer parte de seu passado através dos estudos sobre a percepção do sagrado experimentada por seus conterrâneos. Mesmo que parcialmente, trata-se de conceder o que foi propositalmente subtraído, inclusive na construção dos saberes escolares, isto é, de permitir que se acesse o regional a partir de sua vivência em uma dada espacialidade local.

O propósito de mapear é aqui pensado para além do registro de um certo ponto em um sítio específico, com base em uma escala variável, representado em uma superfície de papel na qual as informações codificadas/simbolizadas poderão ser

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF e Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG – Unidade Leopoldina. E-mail: inacio.cruz@uemg.br

² A microrregião de Cataguases está situada na Zona da Mata/MG e é composta por quatorze municípios (Além Paraíba, Argirita, Cataguases, Dona Eusébia, Estrela-D'alva, Itamarati de Minas, Laranjal, Leopoldina, Palma, Pirapetinga, Recreio, Santana de Cataguases, Santo Antônio do Aventureiro e Volta Grande), abrigando mais de duzentos mil habitantes.

validadas em qualquer parte do planeta. Parte-se das reflexões de Tim Ingold (2005) acerca das relações entre mapas e esquemas cognitivos, ou melhor, entre as escolhas relacionadas à natureza da navegação e do descobrir-caminho. Ingold defende a ideia de que os mapas indexam movimento e absorvem a visão regional (e não local), porém “o objetivo da cartografia moderna tem sido de converter essa visão regional em uma visão global, como se tivesse sua origem em um ponto de vista acima e além do mundo” (Ingold, 2005, p. 85). Uma significativa capilaridade regional foi se tornando mais nítida à medida em que o processo de mapeamento avançou, revelando um intercâmbio entre agentes de cidades vizinhas e entre a microrregião e a cidade do Rio de Janeiro.

As informações socializadas são tributárias de uma série de projetos de pesquisa e extensão, vinculados à Unidade Leopoldina da Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG³. A perspectiva teórica adotada, baseia-se em uma coletânea de publicações capazes de contribuir, ainda que em termos relativos, para a desconstrução das várias modalidades contemporâneas da colonialidade, sustentadas, inclusive, por ações educacionais que legitimam as condições de opressão e inviabilizam a universalização da dignidade humana. Com o propósito de não se alinhar ao modelo dominante, esta reflexão pautou-se em trabalhos, tais como, os de Boaventura Souza Santos (2003; 2009) e de Paul Gilroy (2001), com os quais há acordo mútuo por oferecerem ponderações profundas a respeito das condições de exploração colonial e das possibilidades de [re]construção de um mundo plural. No debate sobre o tema, a noção de colonialidade e algumas de suas variações lexicais vêm sendo discutidas por um número cada vez maior de estudiosos dos continentes americano e africano, dos quais vale destacar, entre muitos outros, Aníbal Quijano (2005), Walter D. Mignolo (2003) e Achille Mbembe (2013; 2018).

Na intenção de colaborar para desvencilhar a palavra macumba da carga de representações negativas historicamente construídas, aproveito para mencionar mais

³ Oficialmente, a pesquisa tem início no ano de 2014 com a participação no Edital 07/2014 – FAPEMIG (2014-2016): *Mapeamento das casas de religiões de matriz africana: percursos do povo de santo em Leopoldina*. A partir de 2017 o mapeamento foi estendido a toda a Microrregião de Cataguases. O último vínculo a um Edital Público foi em 2020, com a submissão ao Edital 05/2020 PAPq. O estudo ora apresentado está associado ao Grupo de Pesquisa *Educação, cultura e imagem* e faz parte das atividades desenvolvidas a partir da Linha de Pesquisa *Imagens afro-brasileiras na Zona da Mata Mineira*.

dois estudiosos inspiradores deste trabalho: Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino. Eles discorrem sobre o *Fogo no mato: A ciência encantada das macumbas* (título de uma de suas obras), construindo uma reflexão na qual as macumbas nos levam às encruzilhadas, que, segundo Simas e Rufino (2018), são lugares de encantamento para todos os povos. Esses espaços essencialmente sagrados ensejam o cruzamento de caminhos, logo, território que contempla a diversidade. Seus argumentos ajudam a promover uma crítica à escola, instituição cooptada pela lógica do mercado e sistema capitalistas. Os pesquisadores advertem que o modelo educacional vigente no Brasil nos leva a acreditar que os conhecimentos situados fora de suas fronteiras não possuem legitimidade, portanto, são classificados como saberes subalternos (Simas; Rufino, 2018, p. 20).

O mapeamento como mecanismo de interação entre os saberes religioso e acadêmico

Como foi relatado em tópico anterior, a concepção do ato de mapear vai além da simples busca e catalogação de agentes e estabelecimentos religiosos. Neste caso, ele ensejou uma profícua interlocução entre diferentes fontes de saber, sugerindo um exercício de antropologia simétrica, nos termos de Bruno Latour (1994). Com uma postura que remete à epoché da fenomenologia, Latour (2004) propõe colocar entre parêntesis todo o juízo de valor que comprometa o pleno exercício da alteridade. A antropologia simétrica descarta as hipóteses embasadas numa superioridade intrínseca aos modos de conhecimento dominantes, portanto, é imprescindível para quem fala do meio acadêmico. Sendo assim, torna-se inviável a proposição de uma síntese da religiosidade local, sem que se faça a devida ressalva em relação a precedência das crenças dos grupos indígenas.

Especificamente na microrregião de Cataguases, a visão de mundo compartilhada pelas famílias de indígenas vulgarmente conhecidas como Puri e Coroado não pode ser apagada da história que tende a premiar o catolicismo como o elemento inaugural e mais importante da religiosidade regional, enquanto esconde seu

caráter destrutivo, posto que missionário.⁴ Sob a perspectiva antropológica, não é possível negligenciar a carga simbólica herdada pelas populações dizimadas e por aquelas que foram incorporadas através da prática do estupro, executada pelos grupos dominantes. Os/as descendentes dessas relações permanecem vivos/as, contudo, em sua maior parte, vivendo nas margens, isto é, de forma subalternizada. Ainda que simbolicamente, na umbanda, a Linha de Caboclo retorna ao proscênio aqueles que precederam africanos e europeus nesta terra. É praticamente impossível encontrar um terreiro em que eles não se manifestem e muito menos um gongá que não possua uma ou mais imagens de caboclos: Rompe-Mato, Sete Flechas, Sete Encruzilhadas, Ubirajara, Pena Branca, Tabajara, Mirim, Urubatão, Arranca-Toco, Vira-Mundo, Ventania, numa lista inesgotável, são alguns dos mais conhecidos.

Diante disso, analisar os jogos de poder associados às apropriações do capital religioso e pensar na construção da identidade dos municípios da microrregião de Cataguases apenas vocacionados para as religiões católica e vertentes protestantes/evangélicas, sem levar em consideração a presença do sagrado nas casas de religiões de matrizes afro-brasileiras, equivaleria a enviesar o olhar, reduzindo-o a um único enfoque, pobremente colorizado apenas com a matiz dominante. Em sua obra *Cultura negra e ideologia do recalque*, Marco Aurélio Luz (2011) nos diz que na direção oposta em relação a certas denominações cristãs, a religião dos negros passou longe de ser o “ópio do povo”. Ao contrário, o sagrado de tonalidade africana é fundamental, “é fonte de afirmação dos valores civilizatórios negros e núcleo de resistência às variadas formas de aspirações neocolonialistas” (Luz, 2011, p. 68).

A umbanda, na forma plural como costuma se manifestar em todo o país, é a crença predominante no campo religioso palmilhado. A equipe de pesquisadores esteve presente, entrevistou, fotografou e, em alguns casos participou de sessões públicas em setenta e oito casas de umbanda, quatro de candomblé, uma de pajelança, bem como trocou saberes com dezoito agentes autônomos, distribuídos por onze dos

⁴ Outros grupos que habitavam as margens dos rios Pomba, Muriaé e Paraibuna também devem ser considerados. Entre outros, pode-se destacar: os Abafba e os Guarulho (rios Pomba e Muriaé), os Puriacu ou “Puris Grandes” e os Tamoio, que migraram para a região em número reduzido e os Arari (mesmo que Araci) que cobriam a extensão que vai da Serra de Ibitipoca até o espaço ocupado atualmente pelo município de Barbacena (OLIVEIRA & SIMÕES, 2006, p. 16-17).

quatorze municípios pertencentes à microrregião.⁵ O tempo de existência institucional de algumas casas praticantes do rito umbandista, permite retornar há mais de oitenta anos, dando a conhecer um campo em que a intolerância religiosa e as perseguições ocorriam em duas vias principais: em primeiro lugar, pela borracha do cacete policial. Na outra frente, armados por uma hipotética supremacia teológica e moral, os católicos encabeçavam o repertório das afrontas, seguidos, bem de perto, pelos espíritas kardecistas.⁶ De tal forma que a memória de uma umbanda do século XX não pode ser de todo desenhada se não houver obrigatoriamente a alusão aos ataques religiosos/racistas. Todavia, mais importante ainda é que se faça a devida menção às estratégias de resistência vivenciadas pelo povo do santo. Uma delas repousa na invisibilidade, outras no confronto direto que pode transitar do nível espiritual ao corporal/material.

Além das casas de matrizes afro-brasileiras, foram contatados outros/as tipos de especialistas religiosos, aqui denominadas/os por *Agentes Autônomos*. Trata-se de mulheres e homens iniciados na Umbanda ou no Candomblé, extremamente ativas/os no campo religioso, mas que trabalham sem vínculos com os terreiros locais. Regra geral, os referidos atores sociais atendem em um cômodo localizado em uma parte dos fundos de sua própria morada e possuem uma clientela regular, porém individualizada. Não realizam sessões com data e hora marcadas e abertas ao público e os seus trabalhos podem ser remunerados, embora, na quase totalidade dos ambientes visitados, os/as informantes afirmaram não cobrar qualquer tipo de honorário pelo atendimento. Em algumas circunstâncias, o número de consulentes é compatível com as casas de menor porte. Ao contrário dos terreiros, a maior parte não trabalha com desenvolvimento mediúnico nem possui qualquer registro ou vínculo institucional com federações e outras entidades do tipo. Os agentes autônomos não devem ser confundidos com os benzedeiros ou benzedeadas, como é o caso da Dona Roxinha, uma das mais tradicionais conhecedoras da arte da benzedura estabelecidas em Leopoldina

⁵ Embora já tenham abrigado diversas casas de religiões afro-brasileiras, atualmente, nos municípios de Dona Eusébia, Santo Antônio do Aventureiro e Itamarati de Minas não há notícia de mais nenhuma célula do tipo.

⁶ Já na segunda metade do século XX, com as ondas pentecostal e neopentecostal, enquanto arrefeciam as injúrias católicas, as religiões afro-brasileiras ganhavam adversários ferrenhos, que, em alguns casos, abrem mão do debate no campo das subjetividades teológicas e são capazes de lhes desferir agressões e ataques de ordem material.

ou do morador dos arredores de Cataguases, o Senhor Climério, benzedeiro dos mais populares na região.

As células religiosas com registros mais remotos em federações ou cartório, e em atividade nos dias atuais, vinculam-se a Além Paraíba, Cataguases e Leopoldina. Das três, a mais antiga é a *Tenda de Santo Antônio*, localizada em Além Paraíba, cuja fundação tem origem no ano de 1944. Esta casa foi formada inicialmente por uma família oriunda da cidade do Rio de Janeiro, supostamente conhecedora das famosas macumbas cariocas. Esta conexão entre a capital federal, à época, e a região se tornou factível desde as duas últimas décadas do século XIX, quando foi construído e inaugurado o transporte ferroviário, que ligava as cidades e alguns distritos à capital, permitindo em fluxo contínuo (diário) o acesso de pessoas e objetos. Compreendida como permanência, a iniciação em território carioca ainda hoje pode ser considerada como uma importante fonte irradiadora de especialistas religiosos nas cidades da microrregião.

Em ordem cronológica, o segundo registro mais recuado no tempo diz respeito à *Tenda Espírita Filhos de São Jerônimo*. Segundo o Pai Nilo Ramalho, atual zelador da casa, os trabalhos tiveram início no ano de 1954 e, em 1959, o terreiro obteve o registro na *União Nacional dos Cultos Afro-brasileiros*, localizada na Rua do Chile, n.º 27, no Rio de Janeiro. Fato corriqueiro para o período, a efetivação do registro se deu em função da perseguição de um delegado de polícia contra um dos membros da casa, o ogã Nédio Modesto da Silva. O caso de perseguição e intolerância religiosa ganhou vulto e repercutiu no jornal *O Dia*, um informativo de circulação nacional. Nos dias 09 e 23 de maio de 1959, Byron Torres de Freitas assinou duas matérias jornalísticas intituladas *A Umbanda em Cataguases*, nas quais cobrava das autoridades policial e judicial uma postura condizente com as balizas legais da época. Na primeira publicação, dirigindo-se ao Delegado de Polícia, Byron encerrava a mensagem da seguinte maneira: “Aguardando notícias de que a Constituição Brasileira voltou a ser cumprida em Cataguases”. Na outra, do dia 23 de maio, Byron volta a questionar os fatos, agora dirigindo-se ao Juiz de Direito e perguntando-o de forma categórica: “Vossa Excelência é ou não é o juiz de direito da comarca? É ou não o guardião supremo, em Cataguases, da Constituição e das Leis?”

Na cidade de Leopoldina, a pesquisa de campo identificou um apontamento em cartório, no livro de Registros de Pessoas Jurídicas da referida comarca, no dia 25 de abril de 1967. Em sua fundação, a casa foi nominada como *Centro Espírita São João Batista*, tendo como primeiro presidente Gabriel Pacheco de Mello, marceneiro, casado e residente em Leopoldina. Atualmente, a célula religiosa permanece dirigida por um descendente consanguíneo dos fundadores, porém, alterou a denominação para *Centro Espírita Nosso Senhor do Bonfim*. O município de Leopoldina é atravessado por dois fatos pontuais que tornam o seu campo religioso peculiar em relação aos demais: o primeiro, diz respeito ao número elevado do contingente de escravizados, chegando a deter a marca do maior plantel da Província de Minas Gerais, e a superar por um breve período o número de indivíduos escravizados e pertencentes ao município de Juiz de Fora.⁷ Já o segundo, relaciona-se à criação da Diocese de Leopoldina, na primeira metade do século XX, intensificando a capacidade de pressionar e cooptar fiéis para o segmento cristão. Sob o olhar panóptico dos padres, do bispo e, recentemente, dos evangélicos, este arranjo proporcionou um cenário em que uma parcela significativa dos praticantes dos ritos afro-brasileiros prefere se esgueirar e manter-se em relativo anonimato. Em outra direção, sacerdotisas como a Mãe Cláudia Conte e o babalorixá Pai Márcio Júnior estão sempre prontos para a interlocução, inclusive com o meio acadêmico.

Essa capa de invisibilidade que teima em repousar sobre uma parcela das unidades religiosas de matrizes afro-brasileiras pode ser detectada muito além das posturas dos praticantes locais, até certo ponto justificáveis, que tendem a esconder qualquer elemento que possa ser associado à ritualística umbandista. Apesar de um incontestável coeficiente de enraizamento a nível regional, as quase centenárias unidades religiosas presentes no campo religioso em questão são literalmente esquecidas por memorialistas e negligenciadas por outras/os estudiosas/os das histórias locais, aí incluídos *sites* de pesquisa como a *Wikipédia*, por exemplo. Neste domínio específico, se o internauta procurar por informações acerca das religiões praticadas em Leopoldina, vai ficar sabendo que o lugar é sede de diocese desde 1942,

⁷ Para além das casas de umbanda, onde uma parte de sua população pode se afirmar com base em uma dimensão mais próxima de sua cultura de origem, o município de Leopoldina ainda preserva em funcionamento o Clube dos Cutubas, território de resistência negra, criado em 1925 como espaço de entretenimento alternativo aos locais interditados e exclusivos (na época) para brancos.

sobre as sete paróquias localizadas em seu território e notará a presença de algumas denominações evangélicas, e mais nada, ficando vedada a oportunidade de se instruir a respeito das vinte casas de umbanda, uma de candomblé e outra de pajelança, além dos doze agentes autônomos que ali disponibilizam suas medicinas alternativas e seus serviços espirituais.

Em Cataguases, por seu turno, as informações sobre o fenômeno religioso encontram-se diluídas na rubrica *Cultura* e não dizem nada senão sobre o projeto arquitetônico modernista da Igreja Matriz, realizado por Edgard Guimarães do Valle e o painel em azulejos intitulado *A vida de Santa Rita*, assinado por Djanira. Ao tapar os olhos para o sagrado de coloração africana, os indivíduos detentores da prerrogativa de escrever verbetes em *enciclopédias livres*, como a *Wikipédia*, devem ser responsabilizados pela reprodução daquilo que Abdias do Nascimento nomeou por racismo epistemológico. Em outras palavras, o silêncio proposital em torno de quaisquer práticas sagradas que não sejam tributárias da perspectiva ocidental/cristã, é o mesmo que desqualifica a visão de mundo africana e ajuda a encaminhar para as margens as/os adeptos dos cultos afro-brasileiros. Ou será que os agenciadores dos verbetes nunca souberam a respeito da existência da “macumba” em Leopoldina ou Cataguases?

Firma o guia povo do santo: o documentário

Um dos desdobramentos do banco de dados construído a partir do projeto de mapeamento foi a realização de um filme documentário, de cunho etnográfico, intitulado *Firma o Guia Povo do Santo*.⁸ Durante um mês foram realizadas filmagens em duas casas de umbanda em Leopoldina e duas em Cataguases. Além de depoimentos sobre os modos de conceber e praticar os ritos umbandistas em seus respectivos espaços sagrados, foram captadas imagens de sessões públicas no *Templo Espírita*

⁸ Uma das estratégias de divulgação para o referido trabalho foi a sua inscrição em festivais cinematográficos. Em síntese, o filme foi premiado na categoria documentário na I Mostra de Cinema e Audiovisual do SIPAD – MOCINA (UFJF), além de participar de diversos festivais de filmes etnográficos, tais como, o 7.º FIFER/Festival Internacional do Filme Etnográfico do Recife; o I Festival Etnográfico do Pará; a 15.ª Edição do CINEAMAZÔNIA – Festival de Cinema Ambiental. Apresento, a seguir, o link para as informações técnicas e acesso ao filme: <https://www.youtube.com/watch?v=WNZxvyaqN9o&t=21s>

Oxalá com Iemanjá, conduzido pelo Pai Edvaldo Franquido Donato do Vale e na *Casa Amigos da Paz – Campos de Oxóssi e Ogum*, sob a liderança da Mãe Cláudia Conte dos Anjos Lacerda. Os terreiros de Cataguases, por seu turno, foram apenas cenário para os depoimentos do Pai Nilo Jorge dos Reis Ramalho, na *Tenda Espírita Filhos de São Jerônimo* e da Mãe Marlene Thomé Gregório, do *Centro Espírita Pai Antonio de Aruanda*.

Os depoimentos expostos no filme revelam importantes passagens das vidas das/os agentes religiosos que marcaram as suas caminhadas no santo. A sucessão entre falas, pontos cantados e flashes de expressões corporais associadas ao transe mediúnico revela algumas peculiaridades rituais e litúrgicas vivenciadas em cada uma das casas, decorrentes do percurso iniciático específico dos sacerdotes ou sacerdotisas. De outra maneira, as entidades e signos presentes em cena ensejam um conversar contínuo entre as células religiosas e pavimentam o caminho para que os especialistas discorram sobre suas paixões e quizilas, entre outros detalhes do cotidiano das casas religiosas locais.

Fruto do contexto acadêmico, no qual supõe-se a indissociabilidade entre pesquisa e extensão, o filme curta-metragem deve ser compreendido como mais uma ferramenta passível de ser utilizada na educação formal e na educação não escolar. Em razão de uma das formas adotadas para a sua divulgação, ou seja, pelo fato de estar disponível em um domínio da internet, o documentário pode contribuir para ampliar o acesso da população em geral a um conjunto de informações que pretendem ajudar a promover o respeito à diversidade cultural presente em escala regional e, conseqüentemente, no universo religioso brasileiro. Enquanto estratégia didática, a peça audiovisual pode ser apropriada como um artefato profícuo para tornar mais compreensíveis os modos como os grupos sociais se enxergam e se representam. Isto não quer dizer que todos/as expectadores o interpretem de maneira uniforme.

Uma questão incontornável é a necessidade de se debater sobre as formas como esses tipos de filmes são recebidos fora do cercado antropológico. Comentários com xingamentos e outros tipos de posturas etnocêntricas evidenciam que nem sempre se consegue obter os resultados esperados em relação à quebra dos estereótipos e ao aumento da tolerância das/os expectadores em sua capacidade de enxergar dignidade no desigual, isto é, de tolerar a diversidade. Contudo, é primordial compreender que o

plano de exibição não se esgota, caso não se perscrute os modos como o filme constrói a comunicação com o seu público. Consoante sua trajetória, torna-se necessário estar ciente de como os espectadores lhe imputam sentido. Enfim, as informações sobre como esse tipo de produção audiovisual é recebida nos mais variados sistemas de crenças com os quais se estabelecerá uma interlocução são importantes para que se aprofunde o conhecimento e torne mais nítidas as múltiplas possibilidades de interpretação e manejo das narrativas em destaque.

Finalizando

O momento político atual está marcado por um sistemático recrudescimento da intolerância religiosa no Brasil, entre outras formas de comportamento que tendem a reprimir as ideias contrárias ao centro do poder. Visto sob sua forma estrutural (Almeida, 2018), as práticas racistas se manifestam em todo o espaço público e privado, inclusive, no educacional. Desqualificar e estereotipar para construir corpos dóceis são dois mecanismos que compõem a pedra de toque para esse tipo específico da dominação de classe. A proposta de mapeamento, como foi registrado anteriormente, procura ocupar um lugar legítimo reivindicado pelo povo do santo e por quem mais se identificar com o universo sagrado africano. Os dados obtidos em decorrência do trabalho de campo têm servido como fonte para a produção de uma série de instrumentos (artigos científicos e filmes, por exemplo) capazes de inspirar uma postura coletiva antirracista.

A princípio, as estratégias adotadas no processo de mapeamento tiveram por objetivo apreciar recortes pontuais para a construção de um conjunto de conhecimentos atinentes aos percursos traçados pelos adeptos das religiões de matrizes afro-brasileiras. Neste texto foi trabalhada apenas uma parte da dimensão histórico-temporal das casas visitadas, isto é, foram apresentados, de forma breve, os níveis de enraizamento das religiões de matrizes africanas em três dos quatorze municípios selecionados para a pesquisa. Chamou a atenção a sobrevivência de uma célula religiosa instituída ainda na primeira metade do século XX e outra nos anos 1950. Apesar de se configurarem em ambientes representativos da tradição religiosa

de origem africana, nenhuma das lideranças relatou o contato ou mesmo o interesse de qualquer autarquia pelo tombamento dos espaços sagrados.

O repertório simbólico, as especificidades organizacionais, as entidades de linha de frente presentes em cada um dos espaços visitados, bem como as práticas sociais e políticas manifestadas nos terreiros também foram tópicos abordados durante o período em que a equipe executora do mapeamento frequentou as casas religiosas e visitou as residências dos agentes autônomos. A formação escolar das lideranças religiosas e a sua compreensão em relação à pertença racial, os números absolutos de adesão da população a cada uma das casas religiosas, são informações que também foram registradas ao longo do trabalho de campo e que estão disponíveis no banco de dados vinculado ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros/NEAB da UEMG/Unidade Leopoldina.

Por fim, a intolerância religiosa foi um tema recorrente na fala de praticamente todas/os especialistas religiosas/os com as/os quais estabeleceu-se contato. O assunto é extremamente complexo e não basta identificar o problema. Entre muitas outras ações, é imprescindível que sejam propostos estudos que possibilitem uma escuta a respeito da cultura compartilhada pelos ancestrais africanos e indígenas. O debate só fará sentido quando houver o devido reconhecimento em relação aos saberes pertencentes aos grupos historicamente relegados a um segundo plano. A perspectiva aqui adotada não aceita a superioridade de um saber sobre o outro. Ao contrário, a intenção é estabelecer um efetivo processo de interação entre os conhecimentos acadêmico e das lideranças religiosas de matrizes afro-brasileiras, possibilitando interlocuções capazes de deixar falar representantes de um grupo que, apesar de numeroso e bastante diversificado, foi sistematicamente silenciado.

Referências

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- _____. A dissolução do Religioso. In: _____. *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 119-125.
- CAPONE, Stefania. *A busca da África no candomblé*. Tradição e poder no
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo: Edusp, 1995.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- _____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34, 2001.
- INGOLD, Tim. Jornada ao longo de um caminho de vida – Mapas, Descobridor-Caminho e Navegação. *Religião e Sociedade*. Vol. 25 – número 1/julho 2005.
- JACOB, Cesar Romero *et al.* *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- LODY, Raul. *O povo do santo*. Religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.
- LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra e ideologia do recalque*. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1edições, 2018.
- _____. *África insubmissa*. Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial. Mangualde: Edições Pedagogo, 2013.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- NEGRÃO, Lísias. *Entre a Cruz e a Encruzilhada: Formação do Campo Umbandista em São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures de; SIMÕES, Maria Cecília dos Santos Ribeiro. Pré-história, Etno-história e outras Histórias da Zona da Mata mineira. In: LANZIERI JÚNIOR, Carlile; FRADE, Inácio. *Muitas Cataguases: novos olhares acerca da história regional*. Juiz de Fora: Editar, 2006. p. 13-30
- PRANDI, Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo: Hucitec, 1991.
- _____. As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: Uma conferência, uma bibliografia. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*. BIB-ANPOCS, São Paulo, n. 63, 2007, p. 7-30.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Entre Próspero e Caliban: Colonialismo, Pós-Colonialismo e interidentidade, *Novos Estudos*, nº 66, 2003. 23-52.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs). *Epistemologias do sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). *Intolerância religiosa*. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2007.

SIMAS, Luiz Antonio. *Pedrinhas Miudinhas*. Ensaio Sobre Ruas, Aldeias e Terreiros. Rio de Janeiro: Mórula, 2013.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naife, 2010.